

Este número da *Aletria* resulta do trabalho de um grupo que se reuniu em 2002 na Faculdade de Letras da UFMG para desenvolver o projeto “Comparativismo e Internacionalização”, financiado pela CAPES. Através do ProDoc (Programa de Absorção de Recém-doutores), o projeto buscou salientar a vocação comparativista da Pós-Graduação em Estudos Literários, efetivando contatos em países estrangeiros, como Alemanha, Hungria, Ucrânia, Suíça, Bulgária, Espanha, México, entre outros. Paralelamente a esses gestos, os responsáveis pelo projeto reuniram outros pesquisadores e estudantes em um grupo de leitura que propunha discutir textos e livros teóricos estrangeiros ainda não devidamente estudados no Brasil e, possivelmente, estabelecer um diálogo direto com seus autores.

O título deste número, “Olhar cabisbaixo: trajetos da visão no século XX”, foi, assim, inspirado na leitura dos livros *Downcast Eyes: the denigration of vision in twentieth-century French thought*, de Martin Jay, e em *Au fond des images*, de Jean-Luc Nancy. Sua temática abrange a relação entre a visão, o olhar e a imagem na literatura e na arte contemporâneas. Entre outras indagações, se pergunta: em que medida a perda da confiança no olhar dominou, por todo o século XX, os estudos literários? O que existe para além da *episteme* pós-estruturalista? Até que ponto o retrato do homem do século XX é o do sujeito cindido, fragmentado, descrente das narrativas legitimadoras? É possível fugir da crise da representabilidade? O que a fotografia e o cinema insistem em ver nesse novo milênio? Narciso, Orfeu, Medusa são ainda representações capazes de evocar a associação entre imagem e morte? As novas mídias, instalações e curadorias propõem a elevação do olhar humano? Qual a associação entre o olho que vê e o olho que lê? Haveria um condicionamento recíproco entre cegueira e percepção?

Os textos aqui reunidos não propõem respostas pontuais, mas buscam abrir possibilidades de leituras, novas perspectivas de abordagem das questões ligadas à visualidade, cujo protagonismo no pensamento das últimas décadas do século XX e início do XXI tem sido abordado, em âmbito internacional, sob a denominação de “virada visual” (*visual turn*).

Este volume abre com uma apresentação do historiador das idéias Martin Jay, feita pelo professor e filósofo Rodrigo Duarte, que mantém com o autor americano um intercâmbio intelectual de vários anos. Segue-se uma entrevista concedida a *Aletria* por Jay, com perguntas suscitadas pela leitura de *Downcast Eyes*. O primeiro artigo da revista é também de autoria de Martin Jay e oferece um panorama das abordagens atuais do tema da visão, além de uma indicação dos principais teóricos que trabalham com essa temática, como Hal Forster, Jonathan Cray, Rosalind Krauss, Comolli, entre outros.

A arte moderna e contemporânea surge como força intercessora da literatura nos artigos de Raul Antelo, Jaime Ginzburg e Vera Casa Nova. Marcel Duchamp, Cildo Meireles, Mira Schendel e Lygia Clark são alguns dos artistas analisados, não só pela insistente recorrência da palavra escrita em seus trabalhos – palavras opacas, translúcidas, palavras-valise, muitas vezes reduzidas à dimensão da letra, capazes de oferecer certa volatilização à arte por consistirem em formas que não se fixam nem se estabilizam –, mas, principalmente, por convocarem um outro tipo de olhar, um outro tipo de recepção, distinta da do *Cogito*, da Idade Moderna.

Em seguida temos o texto de uma das mais relevantes ensaístas portuguesas da contemporaneidade, Silvina Rodrigues Lopes. Em “Poesia: uma decisão”, Silvina perquire a noção de imaginário para falar do lugar do poeta, de onde ele fala, desvinculando a poesia do processo rememorativo. Para tanto, cita, entre outros, Hofmannsthal, que acredita haver “um só signo que assinala a obra poética: a visão”. A visão é ainda, em seu sentido místico, objeto de considerações de Sérgio Medeiros, ao revisitar contos de Jorge Luis Borges a partir da leitura do poema maia-quiché *Popol Vuh*.

A fotografia também é abordada nesta *Aletria*. David Foster salienta, em seu texto “Um desafio a la mirada masculinista: recursos humanos por Gabriela Liffschitz” como a fotografia dessa artista argentina foi capaz de questionar o olhar sexista masculino e a erotização do corpo feminino.

A imagem-movimento, ou melhor, as relações entre literatura e cinema são trabalhadas por Maurício Salles Vasconcelos e Emílio Maciel, em dois artigos que questionam o “antiocularcentrismo”. No primeiro texto, Godard é visto através das formulações de Jean-Luc Nancy, e, no segundo, a obra de Tarkovski é lida tanto através dos seus filmes quanto pelos trabalhos teóricos.

A forma como o mito de Orfeu atravessa o poema “Lycidas”, de John Milton, é explorada no artigo de Luiz Fernando Ferreira Sá como desencadeadora de um movimento singular de olhares e vozes, ou mesmo olhares-vozes, como quer o autor.

O último bloco de textos, de autoria de dois professores alemães, Eberhard Lammert e Klaus Scherpe (que escreveu em esquema de co-autoria vários textos com Andreas Huyssen), traz reflexões sobre a arte e a cultura em tempos de globalização, relativizando a noção de valor e, principalmente, o lugar da máquina.

Ao cabo da leitura desses quinze artigos, a epígrafe escolhida por Jaime Ginzburg, de autoria de Evgen Bavcar, surge como uma espécie de *ritornello* dos diversos e heterogêneos enunciados: “quanto mais se desenvolve o mundo visual, mais extenso também fica o mundo invisível”. Não se preocupar com os limites e as distâncias – mas muito mais em tangenciar, recortar, incrustar o incorpóreo, o *absens*, o *nonsense*, a alteridade, as relações – vem sendo o trajeto desta revista que agora comemora dez anos e que constitui uma pequena parte da história do Curso de Letras. O que Barthes indagou, anos atrás, sobre a necessidade de se ler levantando a cabeça, tem sido um caro exercício reflexivo das comissões editoriais desta publicação. Este número comemorativo da *Aletria* vem, assim, indagar se a teoria produzida no século XX (e o discurso literário) não desconfiou, em demasia, das imagens, da ilustração, da tela do cinema e da televisão, e, conseqüentemente, indagar a hegemonia do verbo e do logos. Para então propor como o olhar cabisbaixo, ainda hoje, deve vir acompanhado de uma leitura de cabeça erguida.

Myriam Ávila  
Sabrina Sedlmayer